

# Formar para o mercado de trabalho

Um dos papéis fundamentais da escola é formar as novas gerações com capacidades e habilidades que lhes permitam participar de forma útil e com mais valia na sociedade e no mercado de trabalho. Contudo, no momento atual, há desajustes entre a procura e a oferta, ou seja, as áreas de formação procuradas pelos alunos e disponibilizadas pelas escolas nem sempre são aquelas onde há maior empregabilidade. E, na minha opinião, este desencontro poderá ainda tornar-se maior, na medida em que vivemos um momento de grande aceleração e substituição de muitos postos de trabalho por máquinas/robôs.

Recentemente, li no Expresso uma peça da Cátia Mateus acerca do elevado desemprego em determinados setores, a par da existência de vagas por preencher noutras áreas específicas. Dizia que *“há 344 mil desempregados e milhares de vagas por preencher. As dificuldades de contratação são transversais a profissionais qualificados e pouco qualificados. Mas os especialistas em recrutamento alertam para a maior fragilidade de algumas profissões tradicionais, que nos últimos anos têm vindo a registar um forte aumento nas intenções de contratação, mas onde escasseiam candidatos. Costureiras, carpinteiros, serralheiros, soldadores ou até alfaiates estão entre os perfis mais difíceis de encontrar. Os salários continuam a ser o grande entrave à contratação”*.

Esta realidade, relatada pelo artigo que cito, faz-nos questionar sobre se as profissões do futuro estarão, ou não, maioritariamente ligadas à tecnologia, à engenharia e automação, como tantas vezes pensamos. Esta problemática tem dado origem a diferentes considerações e opiniões. Culturalmente, os portugueses preferem ter filhos “doutores e engenheiros” em detrimento da opção por outras profissões, como as referidas no artigo, embora, atualmente, estas sejam, provavelmente, melhor remuneradas do que algumas das primeiras. Mas este argumento pode ser contornado se olharmos para ele à luz do empreendedorismo: é certo que o trabalho dependente paga muito menos do que, potencialmente, um trabalho por conta própria. Mesmo isto - o empreendedorismo - será uma competência que os nossos jovens terão de aprender, uma vez que o emprego estável cada vez existe menos.

Para a análise da questão, as estratégias genéricas de Michael Porter constituem um contributo pertinente. É certo que, no futuro, as competências tecnológicas serão muito importantes,

mas, para sobreviver num mundo tecnológico, no qual grande parte do trabalho será substituído por robôs e por tecnologia, temos duas possibilidades:

- i. Por um lado, podemos diferenciar-nos, desenvolvendo as competências que os robôs não têm, que são as competências que nos tornam humanos e nas quais as máquinas não conseguem competir connosco;
- ii. Por outro, podemos dedicar-nos a mercados de nicho, nos quais a implementação de robôs e tecnologia para executar as tarefas não é, para já, rentável, dado tratar-se de um tipo de trabalho não “standardizável”.

É nesta última categoria que se encaixam as costureiras, carpinteiros, serralheiros, soldadores, alfaiates, entre outros profissionais, por quem a procura no mercado laboral, como vimos, é crescente e superior à oferta disponível.

Se, por um lado, temos de preparar as nossas crianças – os profissionais que vão entrar no mercado de trabalho em breve – com as competências necessárias na área da tecnologia para que possam singrar no futuro - porque competências nunca são em demasia -, por outro, a verdade é que hoje também registamos uma falta de pessoas qualificadas em profissões não tecnológicas, grupo de profissionais que, a meu ver, sobreviverá no futuro, já que não é financeiramente rentável a sua substituição por um robô tão complexo.

A mudança está a acontecer. Importa que a escola possa refletir sobre esta realidade para que possa repensar práticas e modelos pedagógicos. É certo que não conseguimos definir aquilo que serão as profissões dos nossos filhos, mas poderemos prepará-los melhor para os novos contextos de incerteza, onde a flexibilidade, a capacidade de adaptação e a criatividade serão sempre fundamentais. Cabe-nos a todos contribuir para que as nossas crianças tenham acesso às melhores ferramentas para o desenvolvimento de competências relacionais, sociais e emocionais. Os nossos filhos serão muitas coisas, gestores de conhecimento e de informação, e tenho a certeza que os melhor sucedidos serão os que tiverem mais habilidades sociais.

**PATRICK GÖTZ**

FUNDADOR E CEO DA TECKIES